

O PROJETO 11:15 – UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA FILOSOFIA PARA JOVENS

*Maria da Conceição Dias de Melo Fernandes**

*Carla Eugénia Fernandes Carvalho***

RESUMO: O *Projeto 11:15* é uma experiência pedagógica implementada pelos professores de Filosofia da Escola Secundária de Rocha Peixoto – Póvoa de Varzim. Consiste na planificação, desenho e construção de instrumentos didáticos de concretização da Filosofia para Crianças no 3.º Ciclo do Ensino Básico (ISCED 2), com uma incursão experimental pelo Ensino Pré-Escolar (ISCED 0).

PALAVRAS-CHAVE: filosofia, escola, jovens, pedagogia.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento das competências discursivas e reflexivas dos discentes no Ensino Básico poderá constituir uma propedêutica essencial às aprendizagens em Filosofia no Ensino Secundário e, sobretudo, promover o espírito crítico e o exercício da cidadania, essenciais à definição da pessoa-aluno no futuro. O âmbito do desenvolvimento de competências de trabalho filosófico em faixas etárias inferiores às preconizadas pela organização curricular do sistema de ensino português é uma área por explorar, do ponto de vista prático, pelos professores. Assim, o grupo de professores da Escola Secundária de Rocha Peixoto – Póvoa de Varzim levou a cabo uma experiência conjunta na modalidade de formação em projeto, de que se dará nota neste artigo.

* Escola Secundária de Rocha Peixoto. Departamento da Ciências Sociais e Humanas – Grupo 410 Filosofia, Póvoa de Varzim (c.melofernandes@gmail.com).

** Escola Secundária de Rocha Peixoto. Departamento da Ciências Sociais e Humanas – Grupo 410 Filosofia, Póvoa de Varzim (ccarvalho@aeiou.pt).

1. O PROJETO

O *Projeto 11:15* é o resultado do desejo demonstrado pelos professores do grupo 410, da Escola Secundária de Rocha Peixoto, no fim do ano letivo 2010-2011, de implementar nesta Escola um projeto de Filosofia para Jovens nas turmas do 7.º ano de escolaridade. Esta ideia surgiu, por um lado, da constatação, a partir das aulas de Filosofia, da dificuldade crescente manifestada pelos alunos na compreensão de textos, na capacidade de argumentação e na capacidade de reflexão e crítica e, por outro lado, da necessidade sentida de incutir nos jovens valores orientadores de uma cidadania ativa. Assim, numa perspetiva autodidata, procurou-se conciliar a teoria com a prática.

Desta forma nasceu, no início do ano letivo 2011-2012, o *Projeto 11:15 – Filosofia para Jovens* inspirado no Programa Filosofia para Crianças da autoria do professor norte-americano Matthew Lipman (Lipman, 1994, 1995; Lipman, Sharp e Oscanyan, 1997; Lipman e Sharp, 2007). O Programa Filosofia para Crianças foi originalmente desenvolvido por Matthew Lipman e Ann Margaret Sharp, nos Estados Unidos, no fim da década de 60 do século XX, com a criação em Nova Jersey do IAPC (*Institute for the Advancement of Philosophy for Children*), integrado na Montclair State University. Na década de 80 do século XX, o Programa estendeu-se um pouco por todo o mundo, incluindo Portugal, onde tem sido implementado em diferentes contextos e modalidades.

O Projeto 11:15 – Filosofia para Jovens procurou conciliar os pressupostos do Programa de Lipman com a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86), com o Currículo Nacional do Ensino Básico, com as metas e objetivos do Projeto Educativo da Escola Secundária de Rocha Peixoto, bem como com os objetivos da disciplina de Formação Cívica. Paralelamente, o Projeto fez uma incursão experimental no pré-escolar, que levou a adequar os objetivos e implementação na Escola Básica Espinho n.º 2 – *Projeto 11:15 Sala dos Verdes*.

A Lei de Bases do Sistema Educativo, nos seus princípios gerais (artigo 2, ponto 5), refere que a educação deverá promover o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, e formar cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva. É nossa convicção que a implementação de um projeto desta natureza nas escolas poderá contribuir significativamente para o alcance de tais princípios.

Foi criado como um projeto a implementar semanalmente nas aulas de Formação Cívica, em colaboração com o Diretor de Turma. No ano

letivo 2011-2012 abrangeu as turmas do 7.º ano e, nos anos letivos seguintes (2012-2013 e 2013-2014), procurar-se-á acompanhar estes alunos nos 8.º e 9.º anos e, eventualmente, iniciar o projeto nas novas turmas de 7.º ano. No projeto participaram os professores do grupo 410 – Filosofia, que trabalharam com as turmas em regime de rotatividade. Para tal, dispuseram de 45 minutos do tempo de Sala de Estudo (estes 45 minutos foram geridos em função da calendarização do projeto). O Projeto 11:15, adaptado à realidade do Ensino Pré-Escolar, foi dinamizado na *Sala dos Verdes*, da referida escola do concelho de Espinho. Proposto e aceite à Educadora Luzia Couto, o projeto foi concebido e concretizado em sete sessões, tendo implicado uma planificação e instrumentos didáticos específicos para uma faixa etária substancialmente diversa.

Tal como já referido, o projeto baseou-se no Programa Filosofia para Crianças de Lipman, tendo procurado desenvolver as capacidades de raciocínio e do pensamento em geral, assim como as capacidades de verbalização do pensamento, de confronto de ideias e de reflexão em grupo (Mendonça, 2011). O modelo pedagógico baseou-se no conceito de comunidade de investigação (Lipman, 1990), onde tanto os alunos como o professor colaboram uns com os outros na reflexão sobre o mundo que os rodeia.

Foram objetivos do Projeto na sua vertente “alunos”:

- despertar o espírito crítico-filosófico, estimulando o debate e o raciocínio quer sobre relações, quer sobre conceitos;
- promover hábitos de questionamento e problematização face ao saber adquirido ou a novas situações;
- estimular o gosto pela leitura e pela escrita;
- incutir o gosto pela investigação através do diálogo como processo de autocorreção;
- valorizar as dimensões relacionais da aprendizagem e os princípios éticos que regulam o relacionamento com o saber e com os outros;
- fomentar a participação na vida cívica de forma livre, responsável, solidária e crítica;
- promover valores de tolerância, solidariedade, liberdade e igualdade;
- reconhecer na escola um local privilegiado de aprendizagem, interação, descoberta e cooperação;
- prevenir a indisciplina, o insucesso e o abandono escolar.

Foram objetivos do projeto na sua vertente “docentes”:

- explorar as competências filosóficas em articulação com as competências gerais do Currículo Nacional do Ensino Básico, a partir dos pressupostos teóricos e da metodologia de Lipman.

Os professores encararam este projeto como um desafio, uma vez que este implicava um repensar das suas estratégias pedagógicas, da linguagem utilizada e até da própria abordagem conceptual das aulas de Filosofia. Queriam aferir até que ponto eram capazes de se descentrar das suas práticas pedagógicas habituais, adaptando-as a novas faixas etárias.

2. A METODOLOGIA

As sessões presenciais com os grupos de alunos foram desenvolvidas com base em pares pedagógicos. Na sala de aula, transformada em “comunidade de investigação” e através da aplicação de uma metodologia específica – o diálogo investigativo –, os alunos questionaram e problematizaram os temas em discussão, orientados pelo professor neste processo de descoberta dialógica (Rolla, 2004). As aulas tinham início, normalmente, com uma história ou situação-problema que era debatida e analisada, ocupando o diálogo um lugar de destaque neste processo, pois é através dele que os alunos expressam as suas opiniões, ouvem as dos outros e, por vezes, auto-corrigem-se.

Tal como refere Mendonça (2008), o objetivo final destas sessões de filosofia não é o de encontrar respostas conclusivas para as perguntas levantadas, nem o de alcançar um consenso confortável entre os participantes. As sessões guiam-se por duas linhas condutoras: por um lado, aprender a conviver com as perguntas filosóficas (clarificando as questões, revendo crenças, levantando novas hipóteses para futuras verificações, etc.) e, por outro lado, desenvolver as capacidades cognitivas e sociais que o processo de reflexão exige.

Ao nível do trabalho com o pré-escolar, a imposição de preparar as sessões para crianças de 4 e 5 anos constituiu simultaneamente uma dificuldade e um desafio: a prática com crianças incapazes de ler texto escrito levou a aprofundar a prática pedagógica no *Ensino pela Imagem*, traduzindo os conceitos na sua forma icónica. O trabalho com os textos selecionados foi evoluindo, pela retroação dada pelas crianças na sua reação ao trabalho desenvolvido. Assim, nas primeiras sessões, o texto foi lido integralmente e as questões colocadas no final. As reações das crianças conduziram a uma inversão metodológica: pareceu mais produtivo intro-

duzir algumas questões de reflexão por entre a leitura do texto, antes que a resposta fosse apresentada no decorrer do mesmo. Optou-se, então, por planificar as sessões deste modo, por parecer ser o mais produtivo e eficaz. Para regular as intervenções dos participantes, usou-se um testemunho, solicitado pela criança e fornecido pela professora-facilitadora, para usar da “palavra”. Esta estratégia fomentou e facilitou a dinâmica de participação organizada de todos.

3. OS RESULTADOS

Em termos do impacto destas atividades sobre os alunos do 3.º Ciclo do EB, foram realizados dois inquéritos: um no fim do segundo período e outro no fim do terceiro período. Os inquéritos pretendiam avaliar o comportamento e a aprendizagem, bem como identificar os aspetos mais importantes e os aspetos menos positivos. O primeiro inquérito pretendia também avaliar a opinião dos alunos sobre as sessões, e o segundo inquérito pretendia auscultar os alunos sobre a continuação deste projeto no próximo ano letivo.

No que diz respeito às questões que pretendiam avaliar o comportamento, nos dois inquéritos os alunos reconheceram cumprir frequentemente as regras, sobretudo no que concerne a autorização para intervir e o respeito pelas indicações dos professores. Relativamente às questões que pretendiam avaliar a aprendizagem, os alunos colocaram-se, maioritariamente, numa posição intermédia, com alguns alunos a confessar dificuldades sobretudo na formulação de perguntas e na sua explicação, na concretização de ideias e na identificação de contradições nas ideias dos outros.

Os aspetos mais importantes referidos pelos alunos estão relacionados com a aprendizagem (aprender a organizar as ideias, a interpretar questões, a estruturar respostas, a interessar-se por assuntos que pareciam sem importância ou demasiado complicados), com o saber estar (aprender a saber ouvir e a respeitar a opinião dos outros, a pedir a vez para falar, a intervir de forma oportuna, a respeitar os colegas e os professores, a dialogar), com a autoestima (poderem dar a sua opinião, sentirem que ela é válida, pois é valorizada e comentada). Este último aspeto foi referido em todas as turmas e foi por nós considerado muito interessante e importante, pois os alunos insistiram na ideia de que a possibilidade que todos tinham de intervir, de expor livremente as suas ideias e de serem ouvidos e valorizados, elevava a sua autoestima.

Quanto às sessões, os alunos consideraram-nas interessantes e divertidas, uma oportunidade de aprender coisas novas e sobretudo de pensar sobre coisas que nunca tinham pensado antes. Consideraram ainda que as sessões lhes permitiram aprender a relacionar-se melhor com os outros e a verificar que existem várias perspetivas para abordar um problema.

Questionados sobre a continuidade das sessões no próximo ano letivo, com exceção de dois alunos por turma, os restantes pronunciaram-se positivamente. Os alunos consideraram o projeto enriquecedor, na medida em que lhes permitiu descobrir mais sobre si próprios e sobre o mundo, organizar o pensamento e expressá-lo e ouvir e ser ouvido.

Para nós, enquanto orientadores das sessões, o aspeto que mais exigiu o nosso esforço foi incutir nos discentes uma metodologia de funcionamento de aula adequada à ponderação dialógica dos temas a abordar. Regozijamo-nos por o termos atingido. O aspeto mais frustrante foi o pouco tempo das sessões. O mais gratificante foi verificarmos que os alunos gostaram do trabalho que procuramos fazer com eles e que gostariam de continuar.

Para avaliar a concretização dos propósitos do trabalho realizado com as crianças do pré-escolar, não sendo possível a realização de inquérito escrito, procedeu-se a entrevista orientada às crianças da *Sala dos Verdes*. Assim, as crianças foram convidadas a completar expressões como: 1) “*Gostei muito de...*”, tendo respondido “ouvir histórias”, “discutir imagens”, “conversar”, “dizer coisas importantes”, “dizer o que pensamos”, “dar opinião”; 2) “*Com a Filosofia aprendi...*” – “histórias”, “que o símbolo da Filosofia é um mocho”, “que é importante fazer muitas perguntas”, “que se pode falar na sua vez”. É de referir que cada sessão tinha, em média, a duração de 90 minutos, com curto intervalo para higiene. As crianças mantinham-se, na generalidade, concentradas e motivadas para as várias tarefas. Na apreciação final, ao completar a expressão “*Gostei menos de...*” constatou-se que a fadiga estava presente. A avaliação da implementação do Projeto 11:15 ao pré-escolar passou também pela reflexão da Educadora de Infância Luzia Couto, responsável pela *Sala dos Verdes*, que arrojada e gentilmente embarcou no desafio que lhe propusemos. Esta foi convidada a emitir parecer, debruçando-se sobre as capacidades cultivadas pela Filosofia para Crianças. Destacou, designadamente, o desenvolvimento de capacidades de raciocínio, tais como a classificação e a identificação de suposições; a importância na interiorização de valores, muito complexa a este nível, pela abstração que exige.

4. IMPLICAÇÕES NA MUDANÇA DE PRÁTICAS DE PROFESSORES E ALUNOS

Na prática docente, a experimentação de lecionação com grupos etários e de escolaridade diferentes dos habituais conduziu à perspectivação de um ensino da Filosofia mais centrado nas competências de questionamento e reflexão crítica. As virtudes do professor orientador e facilitador, descendido de si e dos saberes tão-só académicos, atento à riqueza e enriquecimento pela comunicação, são fomentadas e exploradas no trabalho em Filosofia para Crianças e Jovens e, sobretudo, no trabalho colaborativo em projeto.

Neste domínio, a planificação e o desenvolvimento de sessões em conjunto realçaram a importância do trabalho em equipa, em par pedagógico e em grupo. Nos alunos, foram procuradas mudanças ao nível das competências do saber estar, mas sobretudo ao nível do pensamento abstrato e reflexivo possibilitador da construção de sujeitos autónomos, tornando-os capazes de optar e aprender os valores da liberdade – investir na cidadania consciente e crítica dos jovens é lançar alicerces sólidos para o País futuro.

5. CONCLUSÕES

Os projetos desta natureza nem sempre são fáceis de implementar nas escolas. Vários constrangimentos relacionados com disponibilidade horária, instalações e gestão dos próprios currículos, levam os professores a adiarem e até desistirem de tais projetos. Contudo, com esforço e perseverança da parte dos professores e com abertura por parte das escolas é possível concretizar este tipo de projetos. A modalidade de trabalho em projeto adequou-se amplamente aos propósitos iniciais, atendendo à confluência teórica e prática que possibilitou.

A monitorização em sala de aula da abordagem filosófica precoce demonstrou o despertar do espírito crítico-filosófico, tendo promovido a regularidade da problematização. Os discentes interiorizaram a ponderação dialógica como metodologia inerente à procura do saber. Através dela, tornaram-se sensíveis à dimensão relacional da aprendizagem e aos princípios éticos que devem alicerçar o relacionamento com o saber e com os outros.

É sempre bom lembrar que o investimento numa cidadania consciente e crítica dos jovens é um grande passo para o futuro da nossa sociedade. O entusiasmo manifestado pelos professores envolvidos no Projeto e a vontade manifestada pelos alunos na sua continuação no próximo ano letivo,

levou os professores do grupo 410, da Escola Secundária de Rocha Peixoto, a propor a continuidade destas sessões, transformadas em oferta curricular do 3.º Ciclo, circunstanciadas nos princípios defendidos no Projeto Educativo da Escola Secundária de Rocha Peixoto.

Referências bibliográficas

- Lipman, M. (1990). *A filosofia vai à escola* (trad. M. E. de Brzezinski Prestes e L. M. Silva Kremer). São Paulo: Summus.
- Lipman, M. (1994). *A Descoberta de Aristóteles Maia* (trad. M. L. Guia Abreu). Lisboa: Edições Colibri.
- Lipman, M. (1995). *Pimpa* (trad. M. L. Guia Abreu). Lisboa: Colibri, Sociedade de Artes Gráficas, Lda.
- Lipman, M.; Sharp, A. M. e Oscanyan, F. S. (1997). *A descoberta de Ari dos Telles: “investigação científica”: manual do professor* (trad. A. C. da Silva Telles Americano e A. L. Fernandes Falcone). São Paulo: Difusão de Educação e Cultura, Coleção Filosofia para Crianças.
- Lipman, M.; Sharp, A. M. (2007). *Pimpa. Manual do professor “em busca do significado”* (trad. A. L. Falcone; S. J. Hamburger Mandel). São Paulo: Melting Color.
- Mendonça, D. (2008). *A Filosofia para Crianças* [em linha]. Disponível em: <http://www.portaldacrianca.com.pt/artigosa.php?id=71>. [Consultado em 31/07/2012.]
- Mendonça, D. (2011). *Brincar a Pensar – Manual de Filosofia para Crianças*. Lisboa: Plátano Editora.
- Rolla, N. (2004). *Filosofia para Crianças*. Porto: Porto Editora.

ABSTRACT: The *Project 11:15* is a pedagogical experiment applied by the Philosophy teachers of the Secondary School Rocha Peixoto – Póvoa de Varzim. It consists in the planning, design and construction of didactic instruments for Philosophy for Children of the first levels of the Secondary School, with an incursion in the field of Pre-Elementary Education (ISCED o).

KEYWORDS: philosophy, school, youth, pedagogy.